Dia 10 — Santa Felicidade e seus Sete Filhos, Mártires

Pelos magníficos elogios que os santos padres tributam a Santa Felicidade e pelos grandes títulos que lhe aplicam, deixa-se bastantemente entender que não só foi uma das mais virtuosas, mas das mais distintas senhoras de Roma, tanto por sua qualificada nobreza como pelos empregos de seu não menos ilustre marido. Floresceu pela metade do segundo século, no tempo dos imperadores Antonino e Marco Aurélio. É muito verossímil que também fosse cristão seu marido, pois permitiu que ela o fosse e que criasse seus filhos na fé e no santo temor de Deus.

Morto o marido no ano de 160, persuadiu-se Felicidade de que havia o Senhor dissolvido o laço que a tinha ligada a seu esposo, para ocupar ele só daí em diante todo o seu coração. Fez voto de não passar a segundas núpcias, parecendo-lhe o estado de viuvez muito próprio para santificar-se; e, renunciando às galas, ao fausto e à profanidade, dedicou-se a copiar perfeitamente o retrato de uma viúva cristã que faz o apóstolo São Paulo. Desde logo encontrou grandes atrativos na solidão e no retiro. Passava grande parte do dia e da noite em suas devoções; mas, como sabia muito bem que a primeira de todas elas devia ser a educação de seus filhos e o governo da família, a esta se aplicava principalmente. Tinha sete filhos, todos de pouca idade: Januário, Félix, Filipe, Silano, Alexandre, Vital e Marcial, os quais, pelo cuidado que teve sua santa mãe de criá-los piedosamente, não só com suas lições, mas também com seus exemplos, muito em breve se fizeram uns ternos santinhos.

Falava-lhes continuamente do oropel e falsa brilhantura das honras desta vida, como da breve duração, vaidade e inconstância dos bens caducos e perecíveis deste mundo, explicando-lhes frequentemente a glória que gozam os bem-aventurados no céu. «Quão ditosos seríeis, filhos meus (dizia-lhes muitas vezes, contando-lhes o que padeciam em Roma e em outras partes tantos ilustres mártires), quão ditosos seríeis vós, e que afortunada mãe seria eu, se algum dia vos visse derramar vosso sangue por Jesus Cristo!» As contínuas orações que fazia por eles e suas fervorosas palavras inflamaram de maneira aquelas inocentes almas no desejo de ser mártires que, quando se juntavam os sete irmãos, não acertavam a falar entre si de outra coisa que do martírio. «Eu — dizia Januário — sou o maior de todos e, como tal, tenho direito de dar meu sangue pela fé antes que outro algum.» «Ainda que nós dois sejamos os menores — replicavam Vital e Marcial —, não seremos menos generosos; e, se o tirano quisesse perdoar-nos por mais meninos, levantaríamos tanto o grito dizendo que éramos cristãos que o havíamos de obrigar a não nos negar a coroa do martírio.» «E os demais — diziam os outros —, pensam que havíamos de estar mudos? Também temos nossa língua e também saberíamos gritar de maneira que nos ouvissem.» Ouvia a virtuosíssima senhora com indizível gosto este piedoso desafio de seus filhos e pedia sem cessar ao Senhor que se dignasse escolhê-los por suas inocentes vítimas.

Cumpriram-se-lhe muito cedo seus desejos. Fazia tanta impressão nos corações a exemplar vida de Felicidade e de seus filhos que não somente se edificavam e se confirmavam na fé os cristãos de Roma, mas até os mesmos gentios se admiravam; e, persuadidos muitos de que não podia deixar de ser verdadeira aquela religião que professavam almas tão puras e tão santas, renunciavam suas ímpias superstições e abraçavam o cristianismo. Sobressaltaram-se tanto os sacerdotes dos ídolos que acudiram ao imperador Marco Aurélio, o qual se achava a esse tempo em Roma, e representaram-lhe que não havia que esperar o favor dos deuses imortais enquanto Felicidade e seus sete filhos fizessem tão alto menosprezo deles em meio da capital do império; que assim o bem do Estado como a honra de sua majestade imperial se interessavam muito em que já não se sofresse que aquela atrevida família insultasse por mais tempo a antiga religião dos romanos; e que, para aplacar a cólera dos deuses, suplicavam a Sua Majestade que expedisse suas imperiais ordens, mandando que aquela senhora e seus filhos publicamente lhes oferecessem sacrifícios.

Intimidado o imperador com esta representação, e sendo por outra parte muito zeloso de suas superstições, deu ordem para que a mãe e os filhos fossem presos, encarregando a Públio, prefeito de Roma, que lhes sustanciasse prontamente sua causa se se resistissem a obedecer e a sacrificar aos deuses. Em atenção à nobreza, à reputação e às extraordinárias prendas daquela senhora cristã, tentou o prefeito todos os meios que pôde para ganhá-la e para reduzi-la.

Não se pode explicar o gozo da cristã heroína e de seus filhos quando se lhes intimou por ordem do imperador que comparecessem diante do prefeito. No ponto partiu Felicidade à casa deste magistrado, o qual a recebeu com a maior honra e lhe falou com grande cortesia, dizendo-lhe que o imperador tinha vontade de colocar seus filhos nos mais distintos empregos, contanto que ela e eles sacrificassem aos deuses do império; «sem o que — acrescentou — temo que todos sejais condenados aos mais cruéis tormentos». «Senhor — respondeu a santa com muita modéstia, mas com igual resolução —, tão pouca força me farão os tormentos como as promessas, porque o Espírito Santo, que habita em mim, facilmente me pode tirar vitoriosa de todos os esforços do inferno. Toda a minha confiança a tenho posta em meu Deus; e, como eu e meus filhos lhe sejamos fiéis, espero que não nos vencerão nem os suplícios nem os afagos.» Admirado Públio de semelhante resposta, disse-lhe: «Pobre senhora, e que lástima vos tenho de que olheis a morte com essa indiferença! Pelo menos deixai viver vossos filhos.» «Meus filhos — replicou Felicidade — viverão eternamente se perderem a vida por tão boa causa; e desde logo os teria eu por mortos se, por viver, caíssem na fraqueza de sacrificar aos ídolos.»

Passou esta conferência privadamente em casa do prefeito, sem formalidade de juízo; mas no dia seguinte deixou-se Públio ver em seu tribunal do Campo de Marte, e compareceu diante dele a mãe com seus sete filhos, levando todos vivamente pintada no semblante a alegria de seus corações. Movido o prefeito da formosura de todos, voltou-se à mãe e disse-lhe: «É possível que não tenhas compaixão desta terna e bela juventude? Vinde, pobrezinhos meninos, vinde, filhos meus, que eu vos quero fazer ditosos.» «Não, mas eternamente desventurados» — replicou prontamente Felicidade, com autoridade de mãe e com resolução de heroína —; «dize que os queres perder e fazer infelizes por toda a eternidade.» E, voltando-se aos meninos, prosseguiu dizendo-lhes com inteireza e com alegria: «Filhos meus, já chegou o dia de vosso triunfo; levantai os olhos ao céu e olhai a Jesus Cristo, que a cada um de vós apresenta uma coroa. Ele derramou

seu sangue por vossa salvação; derramai-o vós valorosamente por sua glória; não temais a morte nem os tormentos; fazei-vos dignos do martírio por vossa constância, mostrai-vos fiéis e mantende-vos firmes até o último suspiro na fé de Jesus Cristo.»

Irritado o prefeito ao ver a intrepidez da santa, mandou que ali mesmo lhe dessem cruéis bofetadas em castigo da liberdade e da ousadia com que em sua mesma presença se atrevia a exortar seus filhos a que fossem desobedientes às ordens do imperador. Fez depois que se aproximassem os filhos e, falando com o maior, disse-lhe: «Sê mais prudente que teu pai e obedece ao imperador; se não, vou mandar que te despedacem a açoites e condenar-te aos mais cruéis suplícios.» «Minha mãe foi muito prudente — respondeu Januário —, e eu seria um insensato se, por medo de teus tormentos, procurasse uma morte eterna. Seria prudência desobedecer a meu Deus por obedecer ao príncipe? Não temo os açoites nem os suplícios, e espero que Deus me dará graça para que lhe seja fiel até a morte.» Ao ouvir o juiz tão determinada resposta, mandou que o açoitassem cruelmente e depois o levassem ao cárcere.

Crendo o prefeito que encontraria o segundo mais dócil e menos resoluto, tentou enganá-lo, fazendo-lhe um longo arrazoado sobre o quimérico poder de seus deuses. Interrompeu-o Félix e disse-lhe com intrepidez: «Não é preciso mais que uma tintura de razão e de bom juízo para conhecer que todos os vossos deuses são puras fábulas. Fica sabendo que nem há nem pode haver mais que um só Deus verdadeiro. Isto é o que eu creio, e isto é também o que creem todos meus irmãos; não serão capazes todos os teus tormentos de alterar nossa fé nem diminuir o amor que professamos a nosso Salvador Jesus Cristo, por cuja glória nos teremos por ditosos em derramar nosso sangue e em dar nossas vidas.» Atônito o prefeito com tão valorosa resposta, mandou que o tratassem como ao primeiro; e, julgando pela destes dois a disposição dos demais, deu ordem para que a todos os levassem ao cárcere, deixando só no tribunal os dois menores, que, por mais ternos e mais meninos, creu que seriam mais fracos e menos resolutos.

Acariciou-os e afagou-os, procurando já enganá-los com promessas, já espantá-los com ameaças; mas achou-os tão bem instruídos e tão determinados como todos os demais. «Não penses — disse o menino Vital — que, porque sou menor que meus irmãos, hei de ser menos generoso que eles.» «Pois quê — perguntou-lhe o juiz —, já estás cansado de viver?» «Não, senhor — respondeu o menino —, mas estou pronto a morrer antes que sacrificar aos demônios.» «E quem são os demônios?», replicou Públio. «Os deuses que vós adorais — respondeu Vital —, aos quais querias tu que eu oferecesse sacrifícios; mas não te canses, que não o farei ainda que me tires a vida.» Marcial, que era o menor de todos, mostrou uma intrepidez e um valor igual ao dos demais; e, com o medo de que o perdoassem por tão terno, gritava sem cessar: «Eu também sou cristão, também tenho horror a vossos ídolos como meus irmãos; eu também quero morrer, porque sou cristão, sou cristão.»

Pasmou-se Públio, não podendo deixar de admirar tanto valor e tanta resolução naquela terna idade. Mandou assegurar no cárcere todos os sete irmãos e passou a dar conta do interrogatório ao imperador, que não ficou menos assombrado; mas deu ordem para que no instante lhes tirassem a vida. Encheram-se de gozo os santos mártires quando lhes intimaram a sentença, e foram ao lugar do suplício como ao teatro de seu triunfo. Januário foi açoitado com escorpiões de chumbo e expirou neste tormento; Félix e Filipe morreram moídos a pauladas; Silano foi

precipitado; a Alexandre, Vital e Marcial cortaram-lhes a cabeça. A mesma sorte teve Santa Felicidade, sendo degolada a derradeira. «Temia tanto — diz São Gregório — deixar seus filhos nesta vida como os pais carnais temem sobreviver aos seus. À glória de seu martírio particular — diz o mesmo santo padre na homilia que pregou de Santa Felicidade — pode-se dizer que acrescentou ao seu o martírio de seus filhos e que foi oito vezes mártir.»

No mesmo dia celebra a Igreja o triunfo de duas santas virgens romanas, Rufina e Segunda, irmãs carnais, filhas de Astério e de Aurélio, de ilustre sangue, e ambas mártires. Foram criadas na religião cristã e eram muito conhecidas em Roma por sua virtude e pelo zelo da religião quando seus pais as desposaram com dois cavalheiros romanos, Armentário e Verino, que também faziam profissão do cristianismo; mas, tendo-se acendido a perseguição no tempo do imperador Valeriano, nossos dois desposados cavalheiros apostataram da fé, o que causou tanto horror a Rufina e a Segunda que resolveram não ter mais esposo que a Jesus Cristo, e desde logo fizeram voto de perpétua virgindade. Souberam-no os dois apóstatas e as denunciaram por cristãs a Donato, prefeito de Roma. Mandou-as este prender; e não poupou diligência alguma para derribá-las da fé e combater sua constância. Disse-lhes que era coisa indigna de umas donzelas tão nobres e tão ilustres incorrer nos delírios de uma religião que só era boa para criar vis escravos. «Mal conheceis, senhor, nossa religião — respondeu-lhe Rufina, tomando a palavra —: nela só se goza de uma santa liberdade, porque ela só nos livra da escravidão de nossas paixões e nos conduz a uma felicidade eterna.» Desesperando o prefeito de reduzi-la com seus longos arrazoados, fez chamar sua irmã Segunda e em sua presença mandou golpear cruelmente Rufina. Tão longe esteve aquela de intimidar-se à vista desta crueldade que disse ao prefeito: «Que razão tendes, senhor, para honrar tanto minha irmã e excluir-me a mim da mesma honra?» «A que vejo — respondeu o juiz —, tão louca és tu como tua irmã.» «Não somos loucas — replicou Segunda —, mas somos cristãs; e, pois em ambas há a mesma causa, parece justo que ambas logremos a ventura de padecer por Jesus Cristo.» «Que ventura é — exclamou Donato — sofrer tormentos e perder a vida?» «Muito grande — respondeu a santa —, porque quantos sejam os tormentos, tantas serão as coroas; e o que chamais perder a vida é a origem de uma eterna felicidade.» Advertindo o prefeito que o povo se comovia com aquele espetáculo, deu sentença de que fossem degoladas, e assim se executou no dia 10 de julho, o mesmo em que ocorreu o martírio de Santa Felicidade e de seus filhos; mas não no mesmo ano, porque estes receberam a coroa pelo ano de 164, e aquelas pelos de 257.

Martirológio Romano

Em Roma, o martírio dos sete santos irmãos Januário, Félix, Filipe, Silvano, Alexandre, Vital e Marcial, filhos de Santa Felicidade, também mártir, mortos no tempo do imperador Antonino, por ordem de Públio, prefeito da cidade. Januário, depois de ter sido posto no cárcere e açoitado com chumbadas, expirou naquele tormento; a Félix e a Filipe os mataram a pauladas; Silvano foi despenhado; e decapitados Alexandre, Vital e Marcial.

Também em Roma, as duas santas irmãs Rufina e Segunda, virgens e mártires, que, depois de terem sido atormentadas de diferentes maneiras, morreram, uma de um golpe na cabeça e a outra degolada. Seus corpos se conservam com as devidas honras na basílica de São João de Latrão,

perto do batistério.

Na África, os santos mártires Januário, Marino, Nabor e Félix, que foram decapitados.

Em Nicópolis, na Armênia, os santos Leôncio, Maurício, Daniel e companheiros, que, tendo sofrido diferentes tormentos sob o imperador Licínio e o presidente Lísias, foram arrojados ao fogo, terminando assim seu martírio.

Na Pisídia, São Bianor e São Silvano, mártires, os quais, depois de terem padecido indizíveis tormentos pelo nome de Jesus Cristo, orlaram suas veneráveis cabeças com a coroa do martírio.

Em Hierna, Santo Apolônio, mártir, que terminou numa cruz seu ilustre combate.

Em Gante, Santa Amelberga, virgem.

Em Nantes, São Pascário, bispo, que distribuiu seu patrimônio aos pobres.

Em Fescan, nas fronteiras do Artois e da Picardia, São Zé, irlandês.

Em Saint-Jouin-de-Marnes, no Poitou, São Generoso, abade do dito lugar.

Em Brisach, na Alsácia, Santo Ulrico, monge, escritor das constituições de Cluny.

Em Lens, no Artois, o venerável Pacífico, da ordem de São Francisco, intitulado Bem-aventurado na lápide de seu sepulcro.

Em Heliópolis, no Egito, Santo Isidoro, mártir.

Em Verona, Santa Tusca, virgem.

Na Moscóvia, São Pezerski, monge e sacerdote.

Missa (oração)

A missa é do comum dos mártires, e a oração é a seguinte.

> **Latim:** *Præsta, quæsumus, omnipotens Deus, ut qui gloriosos martyres fortes in sua confessione cognovimus, pios apud te in nostra intercessione sentiamus. Per Dominum nostrum Jesum Christum...*

Português: Concedei-nos, ó Deus onipotente, que os que celebramos a fortaleza de vossos invictos mártires na confissão de vossa fé experimentemos a eficácia de sua intercessão. Por nosso Senhor Jesus Cristo...

Epístola

A epístola é do capítulo 31 do livro da Sabedoria (dos Provérbios), e a mesma do dia 8.

Provérbios 31,10-31

> **Latim:** 10 Mulierem fortem quis inveniet ? procul et de ultimis finibus pretium ejus. 11 Confidit in ea cor viri sui, et spoliis non indigebit. 12 Reddet ei bonum, et non malum, omnibus diebus vitæ suæ. 13 Quæsivit lanam et linum, et operata est consilia manuum suarum. 14 Facta est quasi navis institoris, de longe portans panem suum. 15 Et de nocte surrexit, deditque prædam domesticis suis, et cibaria ancillis suis. 16 Consideravit agrum, et emit eum ; de fructu manuum suarum plantavit vineam. 17 Accinxit fortitudine lumbos suos, et roboravit brachium suum. 18 Gustavit, et vidit quia bona est negotiatio ejus ; non extinguetur in nocte lucerna ejus. 19 Manum suam misit ad fortia, et digiti ejus apprehenderunt fusum. 20 Manum suam aperuit inopi, et palmas suas extendit ad pauperem. 21 Non timebit domui suæ a frigoribus nivis ; omnes enim domestici ejus vestiti sunt duplicibus. 22 Stragulatam vestem fecit sibi ; byssus et purpura indumentum ejus. 23 Nobilis in portis vir ejus, quando sederit cum senatoribus terræ. 24 Sindonem fecit, et vendidit, et cingulum tradidit Chananæo. 25 Fortitudo et decor indumentum ejus, et ridebit in die novissimo. 26 Os suum aperuit sapientiæ, et lex clementiæ in lingua ejus. 27 Consideravit semitas domus suæ, et panem otiosa non comedit. 28 Surrexerunt filii ejus, et beatissimam prædicaverunt ; vir ejus, et laudavit eam. 29 Multæ filiæ congregaverunt divitias ; tu supergressa es universas. 30 Fallax gratia, et vana est pulchritudo : mulier timens Dominum, ipsa laudabitur. 31 Date ei de fructu manuum suarum, et laudent eam in portis opera ejus.

Português: 10 Quem achará huma mulher forte? seu preço excede a tudo o que vem de remontadas distancias, e dos ultimos confins da terra. 11 O coração de seu marido põe nella a sua confiança, e elle não necessitará de despojos. 12 Ella lhe tornará o bem, e não o mal, em todos os dias da sua vida. 13 Buscou lã e linho, e o trabalhou com a industria de suas mãos. 14 Fez-se como a náo do negociante, que traz de longe o seu pão. 15 E se levantou de noite, e repartio a preza aos seus domésticos, e o sustento ás suas escravas. 16 Considerou hum campo, e comprou-o: plantou huma vinha do fruto das suas mãos. 17 Cingio os seus rins de fortaleza, e corroborou o seu braço. 18 Tomou-lhe o gosto, e vio que a sua negociação he boa; a sua candeia não se apagará de noite.

19 Ella metteo a sua mão a cousas fortes, e os seus dedos pegárão no fuso. 20 Abrio a sua mão para o necessitado, e estendeo os seus braços para o pobre. 21 Não temerá que venhão sobre a sua familia os rigores da neve; porque todos os seus domésticos trazem vestidos forrados. 22 Ella fez para si móveis de tapeçaria: ella se vestio de finíssimo linho, e de purpura. 23 Seu marido será illustre na assemblea dos juizes, quando estiver assentado com os senadores da terra. 24 Ella fez delicados lenços, e vendeo-os, e entregou hum cinto ao Cananeo. 25 A fortaleza e a fermosura he o de que ella se reveste, e ella rirá no ultimo dia. 26 Ella abrio a sua boca á sabedoria, e a lei da clemência está na sua lingua. 27 Considerou as veredas da sua casa, e não comeo o pão ociosa. 28 Levantárão-se seus filhos, e acclamárão-na ditosíssima: levantouse seu marido, e louvou-a. 29 Muitas filhas ajuntárão riquezas: tu excedeste a todas. 30 A graça he enganadora, e a fermosura he vã: a mulher que teme ao Senhor essa he a que será louvada. 31 Dai-lhe do fruto das suas mãos: e as suas obras a louvem na assembléa dos juizes.

Nota

«Já se disse em outras partes que esta epístola está tirada dos Provérbios de Salomão, que são sem dúvida o mais belo e o mais importante de suas obras. São, diz um autor moderno, como uma quinta-essência daquela divina sabedoria que ilumina o entendimento, dando-lhe um claro e nobre conhecimento da virtude cristã, sendo ela mesma a única sabedoria verdadeira. A palavra *Provérbios* não só significa máximas e sentenças, mas também parábolas e enigmas, que se usavam muito no tempo de Salomão, e os maiores sábios os empregavam muito amiúde.»

Reflexões

Levantaram-se seus filhos e encheram-na de bênçãos. Não há melhor testemunho da virtude de uma mãe nem panegírico maior que as bênçãos dos filhos. Este reconhecimento é fruto da boa educação que receberam dela. Mas são muitos hoje os filhos que possam com verdade expressar este reconhecimento? São muitas as mães que dão uma cristã educação a seus filhos? Mal nascem os mais, quando os lançam fora de casa. Criados e educados fora da casa paterna, olham seus pais como a estranhos, e não é possível que os olhem de outra maneira. Cala nos meninos a natureza, porque não se lhe ensinou a falar; nem nos pais pode ser muito vivo o amor a uns filhos que mal sabem se têm pais. E admiramo-nos depois de que os filhos saiam tão ingratos, estranhando que os maiores desgostos das famílias os causem os mesmos parentes! Quem há de inspirar a um filho aquela respeitosa docilidade, aquela rendida obediência, aquele terno e amoroso respeito a um pai e a uma mãe que mal conhece? Todo o amor do menino é à ama que lhe dá leite, pois não conhece outra mãe; não sabe quem são seus pais até que se lho dizem. E então, que educação se lhes dá? A que quer uma aia, uma criada ou um aio desconhecido, cujo gênio, inclinações e costumes se ignoram inteiramente; gentes muitas vezes de poucos alcances e de costumes perversos. Neles se descansa, e neles se descuida da mais essencial obrigação que têm os pais, que é a educação dos filhos. Mas suponhamos que os mesmos pais sejam os melhores mestres para dar a seus filhos uma cristã educação; os meninos mais facilmente imitam o que veem que retêm o que ouvem. Um

pai colérico, como corrigirá as fogosidades e os ímpetos de um filho pouco sofrido? Uma mãe jogadora, distraída e dissipada, como inspirará a sua filha o devido horror ao jogo, ao desafogo e ao espairecimento?

Os filhos, por dizê-lo assim, impõem aos pais uma nova obrigação de ser exemplares em tudo. Num pai de família não há defeito que não seja um escândalo; os vícios dos pais são modelos, e não o são tanto as virtudes. A salvação dos pais está de certa maneira pendente da salvação dos filhos; são responsáveis de todos os pecados destes os que têm sua origem na má educação. De onde nascem as espantosas desordens da juventude? De onde aquela falta de religião? De onde a licença dos costumes, o excesso de impiedade, a escandalosa dissolução? Atribuímos regularmente essas torrentes de maldade e essas desordens ao ímpeto desenfreado da idade e ao fervor do sangue. A causa mais natural e mais ordinária é a falta de educação. Não atribuamos, pois, a outras causas as discórdias das famílias, os desvergonhados desprezos da autoridade paterna, as descaradas desobediências e as indizíveis ingratidões dos maus filhos. Oh, que conta se há de dar a Deus desta descuidada educação! Aquele homem de vida aparentemente regrada talvez seja condenado porque teve filhos perversos e mal criados.

Evangelho

O evangelho é do capítulo 12 de São Mateus.

Mateus 12,46-50

> **Latim:** 46 Adhuc eo loquente ad turbas, ecce mater ejus et fratres stabant foris, quærentes loqui ei. 47 Dixit autem ei quidam : Ecce mater tua, et fratres tui foris stant quærentes te. 48 At ipse respondens dicenti sibi, ait : Quæ est mater mea, et qui sunt fratres mei ? 49 Et extendens manum in discipulos suos, dixit : Ecce mater mea, et fratres mei. 50 Quicumque enim fecerit voluntatem Patris mei, qui in cælis est, ipse meus frater, et soror, et mater est.

Português: 46 Estando elle ainda fallando ao povo, eis-que se achavão da parte de fóra sua mãe e seus irmãos, que procuravão fallar-lhe. 47 E hum lhe disse : Olha que tua mãe e teus irmãos estão alli fóra, e te buscao. 48 E elle respondendo ao que lhe fallava, lhe disse : Quem he minha mãe, e quem são os meus irmãos? 49 E estendendo a mão para seus discípulos, disse : Eis-alli minha mãe, e meus irmãos. 50 Porque todo aquelle que fizer a vontade de meu Pai que está nos cceos, esse he meu irmão, e irmã, e mãe.

Meditação

A virtude consiste principalmente em fazer em tudo a vontade de Deus

Primeiro ponto

Considera que, falando com propriedade, não há virtude verdadeira senão a virtude cristã; e não há virtude cristã senão enquanto se conforma com a vontade de Deus. Qualquer ação que pareça virtuosa, se lhe falta esta qualidade, só é uma virtude material; não tem mais que o nome e a aparência, mas não o mérito nem a graça sobrenatural de verdadeira virtude. Obras de misericórdia, esmolas, atos de humildade, exercícios de mortificação, o maior zelo, tudo isto engana; mas, se não é isso o que Deus quer e o que Deus pede da pessoa, tudo isso não é mais que uma máscara de virtude. *Quare jejunavimus, et non aspexisti?* Por que jejuamos — poderão dizer —, e nem sequer te dignaste voltar os olhos para nossos jejuns? *Quare humiliavimus animas nostras, et nescisti?* Por que nos humilhamos, e não fizeste apreço de nossas humilhações? Porque nos jejuns fizestes vossa vontade, e não a minha. *Ecce in die jejunii vestri invenitur voluntas vestra.* Meu Deus, e que admirável lição é este oráculo do Profeta para tantos e para tantas que no exercício das boas obras e em sua imaginária devoção só consultam sua inclinação e a impetuosa atividade de seu gênio! *Estes me dirão: Senhor, Senhor*, e não entrarão no reino dos céus, diz o Salvador do mundo; mas aqueles entrarão nele que fizerem a vontade de meu Pai celestial. Quem fala? O mesmo Jesus Cristo. Será preciso outro testemunho mais claro nem mais decisivo para curar nossa ilusão? É este defeito comum em muitas pessoas devotas, que não acham gosto na virtude senão enquanto se conforma com seu natural e com seu gênio; desaprovando-se o que elas desejam, tudo é desgosto e tudo é secura. O grande móvel de todas as suas boas obras e de todas as suas devoções é a vontade própria. Brilha, faz grande ruído seu zelo; mas, se toda a atividade de seu zelo não reconhece outro impulso que o da própria vontade, que virtude nem que mérito terão todas essas maravilhas, todo esse ruído, nem todos esses trabalhos? *Muitos me dirão naquele dia: Senhor, Senhor, pois não profetizamos em vosso nome? Não lançamos em vosso nome os demônios dos corpos? Não fizemos muitos milagres? E eu lhes responderei: Nunca vos conheci, porque sempre fizestes obras de iniquidade.* Assim qualifica o Filho de Deus as imaginárias obras boas que são partos da própria vontade. Meu Deus, e quão estendido se acha este erro, até entre aquelas pessoas que fazem profissão da maior penitência! Diz-se que só se deseja fazer o que Deus quer; mas isto se entende quando só quer Deus o que nós queremos. Pode haver ilusão mais perniciosa nem mais grosseira?

Segundo ponto

Considera o verdadeiro sentido e a força daquelas palavras do Evangelho: *Aquele que faz a vontade de meu Pai, que está no céu, esse é meu irmão, minha irmã e minha mãe.* Sem este distintivo não nos reconhece Jesus Cristo; sem este sinal não há verdadeira virtude; contanto que eu faça a vontade de Deus no que faço, seja o que for, não posso deixar de agradar-lhe.

Este é o segredo para chegar à mais eminente santidade. Meu Deus, e de quanto consolo é esta verdade! Já me veja elevado, já abatido; já seja o homem mais opulento, já o mais miserável; já goze saúde, já esteja carregado de achaques; já me coloque Deus em algum emprego, já me deixe

encurralado como um servo inútil: se estou onde quer Deus, se faço o que quer e me porto como quer, não posso fazer coisa melhor; nada tenho que desejar para minha salvação; tenho o consolo de saber que, por pouco, por desprezível e por vil que seja o que faço, desde o mesmo ponto em que quer Deus que o faça, essa mesma ação tão vil e tão desprezível é em mim uma grande virtude, à qual tem Deus ligada uma recompensa eterna, contanto que minha alma esteja na devida disposição para merecê-la. Ninguém, pois, imagine que para ser santo é preciso fazer coisas extraordinárias; engana-se muito nisso; não é preciso fazer mais que o que Deus quer, quando o quer e como o quer. Acha-se alguém enfermo e sem poder fazer coisa alguma; assim o quer Deus: eis aí um grande motivo de consolo e um grande fundo de merecimentos; ser-te-ia perniciosa a saúde e o trabalhar te perderia. Estás pobre e cheio de contratempos; assim o quer Deus: a prosperidade seria tua maior desgraça e a abundância a origem de tua condenação; Deus te pôs nesse estado e deves viver tranquilo. Bem pode ser que te detenhas no caminho e que dessa maneira nunca chegues ao termo; mas, contanto que andes por ele sem deter-te, está certo de que não te descaminharás. Com verdade se pode dizer que o rendimento e a conformidade com a vontade de Deus caracterizam todos os santos. Grande erro é o daqueles imaginários devotos que, com pretexto de zelo, de obras de caridade e de devoção, nunca fazem mais que o que lhes dá na veneta; escravos de sua própria vontade, não reconhecem outra guia; cegos com a ilusão, têm por efeito da graça a satisfação que sentem em fazer seu gosto. Meu Deus, que dor e que remorsos causará na hora da morte esta voluntária ilusão!

Não permitais, Senhor, que eu o experimente naquela hora: fazei que daqui em diante vossa divina vontade seja regra da minha e que nunca queira senão o que vós quereis.

Jaculatórias

> *Fiat voluntas tua, sicut in cælo et in terra.* Mt 6.

Faça-se tua vontade, assim na terra como no céu.

> *Pater, non quod ego volo, sed quod tu.* Mc 14.

Pai meu celestial, não se faça o que eu quero, mas o que queres tu.

Propósitos

1. Todos somos servos do Pai de família e estamos em seu serviço para fazer o que nos mande, e nada mais. Teria alguém em sua casa por muito tempo um criado que não quisesse fazer mais que

seu gosto? Demos que fosse trabalhador, habilidoso e fiel; não importa; quer-se um criado dócil e obediente; não se estima nada de quanto faz contra a ordem de seu amo. Conclui daqui que toda a virtude e todo o mérito consiste em fazer a vontade de Deus. Nunca tenhas mais devoção que esta, nem jamais te exercites senão naquilo que Deus quer; sempre que lhe pedires algo, acrescenta aquelas palavras do Salvador: *Verumtamen non sicut ego volo, sed sicut tu*; mas em todo caso, Senhor, que não se faça como eu o quero, mas como vós o quereis. Em tudo o que fazes, procura ter o doce consolo de poder dizer: Faço o que Deus quer; e tem presente que a própria vontade é aquele verme que rói e seca a hera, em cuja sombra descansava o profeta Jonas. Desconfia de ti mesmo e de tudo quanto fizeres por tua eleição e por teu gosto; não te deixes enganar; olha que é triste coisa não conhecer a ilusão até a hora da morte.

2. Não se pode ensinar devoção mais proveitosa que aconselhar a todos que rezem cada dia a oração seguinte, tirada do admirável livro da Imitação de Cristo, livro 3, cap. 15.

«Tu, Senhor, sabes o que é melhor; faça-se isto ou aquilo, como quiseres; dá-me o que quiseres, quanto quiseres e quando quiseres; faze de mim como sabes, como mais te agradar e como for maior honra tua; põe-me onde quiseres e faze livremente comigo em todas as coisas. Em tua mão estou: volta-me e gira-me ao redor como te parecer. Servo teu sou e a tudo estou disposto, porque não desejo viver para mim, mas para ti; oxalá que seja digna e perfeitamente. Dá-me que sempre deseje e queira o que for mais aceito a ti e mais agradável. Faça-se tua vontade, e minha vontade siga sempre a tua e se conforme perfeitamente com ela. Seja em mim um mesmo querer e não querer contigo, e que não possa querer nem não querer senão aquilo que tu queres e não queres.»

Revision #1
Created 20 November 2026 20:50:09 by Admin
Updated 20 November 2026 20:50:09 by Admin